

1. Contexto histórico

Início do séc. 5º a.C.: império persa é a força dominante no Mediterrâneo oriental, estendendo-se até a Índia a leste, e do Egito na direção norte até o atual Afeganistão, passando pela Trácia e pelo Oriente Próximo.



Os gregos do continente, em comparação, são um povo espalhado e desunido, pequeno e pobre, que habita o sul da península balcânica. Em 490 a.C., os gregos rechaçam a invasão persa sob Dario na batalha de Maratona (costa norte da Ática). Em 481 a.C., Xerxes, então rei da Pérsia, lança uma expedição por terra e mar para conquistar a Grécia e abrir caminho ao Mediterrâneo ocidental, mas é surpreendentemente vencido pelos gregos nas batalhas de Salamina (480) e de Plateia (479).

Nos 50 anos seguintes, Atenas, maior cidade no continente grego (e com Esparta uma das duas lideranças contra os persas), tornou-se o centro cultural e político da Grécia. Em meados do séc. 5º a.C., Atenas era uma democracia poderosa que controlava e tributava grande parte do mundo grego a leste e a norte. O material cultural tradicional nessa era de ouro é retrabalhado no gênero dramático e na prosa argumentativa.

2. As *Histórias*

As questões que estão por trás da obra de Heródoto vinculam-se à vitória sobre os persas obtida na geração anterior. Como surgiu a guerra entre gregos e bárbaros? Quais foram as causas? Tal como nos chegou, a obra consiste em 9 livros (mas a divisão foi feita mais tarde, por editores da época helenística). Os últimos três livros (7 a 9) são relato em detalhes da invasão de Xerxes em 481-479 a.C. Os seis primeiros livros fornecem o pano de fundo para entender as implicações do que lemos nos três últimos. Trata-se da descrição de povos e de lugares com que os persas se depararam no curso de sua expansão, desde a época de Ciro, o Grande, nos anos 550, passando pelo breve reino de seu filho Cambises até chegar ao reinado do terceiro rei Aquemênida, Dario. Livros 7 a 9 tratam do filho de Dario, Xerxes.

A obra, um tanto extensa, tem uma estrutura cronológica até certo ponto simples, obedecendo à sequência genealógica e dinástica dos quatro reis persas: (1) Ciro (557-530 a.C.) = livro 1; (2) Cambises (530-522 a.C.) = livro 2 e primeiro terço de livro 3; (3) Dario (521-486 a.C.) = resto do livro 3 e livros 4 a 6; (4) Xerxes (486-479 a.C.) = livros 7 a 9.

A ideia por trás dessa sequência, como foi primeiro desvendada por Felix Jacoby (1913), é que os persas cultivaram um hábito de conquista que por fim os traiu no contato com os gregos. Não é com os persas, no entanto, que inicia o livro 1, e sim com Creso, rei da Lídia no séc. 6º a.C. e vizinho dos gregos jônios da Ásia Menor. Após um breve relato sobre quatro raptos míticos de mulheres gregas por bárbaros e bárbaras por gregos, Heródoto dá início à narrativa dizendo que Creso foi o primeiro que contra os gregos cometeu injustiça, ao conquistar seus vizinhos e fazê-los parte integrante de seu reino.

Trata-se de um tema que reaparecerá em vários dos relatos das *Histórias*: uma injustiça inicial enseja posterior retaliação. Creso é conquistado por seu vizinho oriental, Ciro (546 a.C.), mais ou menos na metade do livro 1, e então começa a sequência narrativa que percorrerá o resto das *Histórias*. Ciro, após derrotar Creso, conquista os gregos jônios antes morrer, transmitindo o seu reino a Cambises. O Egito é a principal conquista de Cambises, e Heródoto, antes de narrar sua campanha, insere na narrativa da conquista imperial persa um ensaio gigantesco, que preenche todo o livro 2, cujo foco é a geografia, a flora, a fauna, os costumes, a arquitetura, a religião e a história do próprio Egito.

O terceiro rei persa, Dario, embora não seja descendente direto de Ciro, é um Aquemênida, filho de Histaspes. Ele é um dos conspiradores que desaloja os medos do poder, que haviam usurpado o trono de Cambises em sua ausência no Egito. O livro 3 fala da administração do império e de algumas campanhas; os três livros seguintes (4-6), do reinado de Dario. Metade do livro 4 narra o povo e a geografia da Cítia, antes de descrever a malograda campanha persa contra os citas, ao passo que livros 5-6 são dedicados à revolta jônica – a tentativa em vão dos gregos orientais de livrar-se do domínio persa. Porque Atenas enviara ajuda aos jônios, Dario, em retaliação, envia uma expedição naval contra a cidade, e o livro 6 termina com a batalha de Maratona (490 a.C.), onde os persas sofrem uma derrota fragorosa. Isso explica a vultosa campanha persa de 481-479 a.C., que preenche os três últimos livros. Xerxes sucede a Ciro, recupera o Egito que antes havia se revoltado, mas, ao voltar-se para a Grécia, é rechaçado. Assim terminam as *Histórias*.

Nos primeiros seis livros, o tema da conquista persa – o fio da meada da obra – é muitas vezes encoberto e parece servir como simples pretexto. Heródoto não perde a oportunidade de desviar-se dele, de contar todo o tipo de história sem relação direta com o assunto, sobre comunidades gregas diversas, sobre outros povos que os persas defrontaram em suas campanhas – uma gama fascinante de relatos muito pouco alinhavados ao tema central. Os três livros finais, por sua vez, têm foco preciso numa só história, a agressão do exército de Xerxes e seus movimentos contra a Grécia.

Ao final da obra, pode-se supor que, mérito grego à parte, o que derrotou os persas terá sido seu próprio hábito ou costume de conquistas, supondo que seu poder (tal como outros reis descritos nas *Histórias*) é maior do que de fato é. Os persas são apenas o exemplo mais claro desse traço. Mas quem lê a obra de cabo a rabo sabe que o tema do crescimento do poderio persa e seu freio imposto pelos gregos é, quando muito, mero pano de fundo para algo mais interessante. O autor traça um mapa do mundo conhecido, no qual tudo está interligado por força das histórias, numa rede de conexões de causa e reciprocidade, geração após geração, e nas diversas culturas. Ações de um personagem são retratadas como consequência de outras anteriores, tomadas em gerações prévias, e como causa (muitas vezes involuntária) de mais outras, em gerações posteriores, que

delas nem sempre têm conhecimento. Traços espaciais também obedecem ao mesmo esquema, no qual características geográficas espelham-se e opõem-se reciprocamente.

Há, portanto, dois veios narrativos palpáveis: (a) a expansão imperial persa; (b) o sistema de reciprocidades no espaço e no tempo. A eles soma-se um terceiro: (c) a busca pela digressão. O próprio Heródoto afirma buscá-la, e, de fato, a todo instante a narrativa se desvia de bom grado para notar fenômenos interessantes e curiosos, abrindo parênteses saborosíssimos que não mais que tangenciam o tema principal. Detalhes distraem o leitor a cada passo, muitos deles de cunho maravilhoso ou folclórico, sobre fatos naturais, sociais ou biográficos. O gosto pela boa história é evidente. Mas qual terá sido o objetivo do autor ao sucumbir a tais digressões? Propiciar mero entretenimento? A muitos comentadores seu estilo é caótico, e ele, um simples colecionador de anedotas. Falta-lhe, dizem, a retórica necessária para ter domínio sobre o seu tema, dirigir com pulso firme a sua prosa: essa retórica, ensinada na geração seguinte para se ter sucesso tanto no âmbito da assembleia quanto da corte judicial, talvez tivesse dado maior coerência e densidade a seu texto.

Já outros argumentam que o próprio estilo de Heródoto é essencial para ele transmitir sua ideia de como funcionam as relações humanas. Por exemplo, ele prefere encadear unidades narrativas autônomas, sem integrá-las explicitamente a um todo conceitual maior. A sequência ela própria cria uma relação complexa de causa e efeito, de foco e pano de fundo narrativo em permanente redefinição, abrindo maiores possibilidades de interpretação ao leitor. Privilegia-se, desse modo, a unidade narrativa individual em detrimento da coesão temática.

As unidades, estas, costumam ser bem delimitadas (começo e fim são facilmente identificáveis), embora difiram em estrutura, tema e foco narrativo: cabe ao leitor distinguir semelhanças, ecos temáticos, contrastes. Isso muitas vezes é frustrante: antigos e modernos reclamam da falta de um norte fornecido pelo autor, que ele reluta em dar. Uma digressão leva a outras mais, a partir de detalhes que levam a outros detalhes, não raro por várias páginas. Ao final, retoma-se o fio narrativo do ponto em que foi deixado, e início e fim da digressão são bem definidos. É natural supor, dizem alguns, que Heródoto abra-se a digressões não porque lhe falta controle sobre seu material narrativo, mas porque quer mimetizar no próprio estilo a dificuldade de distinguir fatos relevantes de outros, insignificantes. Afinal, no relato da expansão persa, várias histórias dizem respeito à incapacidade de figuras poderosas (Creso, Ciro, Xerxes) levarem em conta detalhes que, se considerados, lhes teriam sido úteis. São esses detalhes ou digressões, potencialmente relevantes para o relato principal, que Heródoto, através do seu próprio estilo, oferece à reflexão do leitor, sem fornecer ele mesmo uma conexão explícita entre eles.

Embora Heródoto narre acontecimentos e costumes específicos em suas várias histórias, delas ressurgem um padrão na história geral, e este possui significado universal, seja ele a ascensão e a queda dos impérios, a onipresença da *tísis* (τίσις) = ‘castigo, punição, vingança’ no mundo ou a escolha entre governar e ser governado. Talvez fosse o seu objetivo fazer com que seu público reconhecesse tanto a diversidade estonteante das particularidades do mundo quanto o elemento constante que as une.

3. Que tipo de história são as *Histórias*?

A falta de um foco preciso, de um tema claro, além das inúmeras “digressões” pelas quais o autor é famoso, já foram explicadas pela possível origem das *Histórias*, que traria as marcas dos estágios de uma evolução intelectual experimentada por Heródoto: do geógrafo e etnógrafo que escreveu o *logos* (história) sobre o Egito (Livro 2) ao historiador dos Livros 7 a 9, mais próximo ao ideal do historiador à maneira de Tucídides. A essa visão “analítica” (em analogia à Questão

Homérica) opôs-se uma reação “unitária”. Segundo esta, a unidade problemática da obra deve-se ao fato de Heródoto não ser ainda capaz de fazer as distinções próprias da historiografia, tal como a entendemos hoje (como separar o que é verdade ou não nos eventos do passado). Para outros, essas distinções são feitas, porém seu “estilo arcaico” (paratático) ou a “oralidade” do contexto que deu vida à sua obra são pouco familiares às divisões modernas entre etnografia, geografia e história. Discute-se até hoje, em suma, se Heródoto é o primeiro historiador, se é um historiador bom ou ruim, se é um historiador *avant la lettre* ou se não é um historiador coisa nenhuma.

Como saber se o que Heródoto relata é verdade? Quais são as provas que apresenta? O próprio autor não espera que acreditemos em tudo o que diz. Várias vezes sublinha que a informação fornecida é provisória, embora seja o melhor que tem a oferecer de suas investigações. A certa altura, no livro 7, ele afirma: “sou obrigado a relatar as coisas como me contaram, mas por certo não sou forçado a acreditar nelas – essa observação aplica-se ao restante do meu relato” (152). Se historiadores posteriores, a começar por Tucídides, decompõem o relato de informantes em dados, construindo sua própria versão dos eventos, Heródoto adota uma abordagem diversa: seu objetivo é fornecer, a cada caso, a melhor versão ou versões dos eventos passados, obtidas dos melhores informantes que foi capaz de encontrar. Os três pilares do método de Heródoto são (1) a informação oral (*akoé* ἀκοή), (2) seu próprio testemunho ocular (*ópsis* ὄψις) e (3) seu juízo a respeito (*gnómē* γνώμη). Na seguinte passagem, os três se interligam:

‘Até esse ponto, foram meu testemunho ocular (*ópsis*), meu juízo (*gnómē*) e investigação (*historiē*) que falaram essas coisas. Daqui em diante, registrarei as histórias egípcias tal como as ouvi, e serão suplementadas por certa dose daquilo que eu próprio vi.’ (2.99.1)

O testemunho ocular é o método mais poderoso de aferir a verdade dos fatos (Heródoto parece não se dar plenamente conta de que a própria apreensão visual dos fatos está sujeita à distorção). Após a *ópsis*, o juízo (*gnómē*) diz respeito ao raciocínio lógico, ao uso de conjecturas acerca de fenômenos naturais para os quais não há evidência direta (como, por exemplo, o curso do Nilo, que Heródoto supõe semelhante ao Danúbio [2.33-4].)

Quanto a informações obtidas através de terceiros, por relatos que ouviu (*akoé*), não há garantia de que os fatos narrados são verdadeiros. Mas, pela natureza da época estudada por Heródoto, são relatos ouvidos de outrem que compõem uma parte significativa das informações narradas pelo autor.

São onipresentes as expressões “diz-se” ou “dizem”; alguns informantes recebem nomes, mas a maioria permanece anônima, identificada apenas pela sua etnia (coríntios, trácios, citas, fenícios etc.). A informação que fornecem é real, mas como dados são confiáveis apenas na medida que a sua fonte é confiável. Heródoto, como narrador, não se limita a transcrever as histórias que lhe são contadas, mas intervém em primeira pessoa a cada página e influi no entendimento do texto pelo leitor. É muito comum fornecer comentários críticos sobre a probabilidade de que esse ou aquele detalhe de uma história seja verdade. Às vezes assegura que sabe da veracidade de algo; outras vezes, mais numerosas, expressa dúvidas, que vão desde uma aceitação com ressalvas até uma descrença absoluta. Às vezes diz por que duvida ou acredita em certa história; outras vezes, mais numerosas, apenas faz notar suas reticências. Às vezes, o narrador intromete-se no texto a fim de expressar um juízo, de formular uma opinião. Em geral, porém, ergue sua voz para fazer referência ao processo de reunir informações.

Heródoto, portanto, mantém uma distância crítica de seus dados, e o faz de várias maneiras. Às vezes fornece duas ou mais versões do mesmo relato, ou inclui expressões de dúvida (“assim,

pelo menos, é o que dizem”), ou afirma que o informante fala por interesse pessoal. Nunca, no entanto, esse modo de proceder corporifica-se numa metodologia explícita, mas resta claro que o importante, além das próprias histórias, é sobretudo o juízo que se faz delas, da qualidade da informação que contêm. Nesse sentido, os comentários do autor são um ensaio de como pensar historicamente as histórias que conta. Seu método é testar afirmações quando pode e registrar as afirmações que é incapaz de testar, acrescentando advertências ao leitor. Nesse sentido, pode ser considerado o “pai da história”.

Curiosamente, o confronto de várias versões e, quando possível, a substituição dessas por uma melhor – algo que encontramos em Heródoto –, já existia na poesia grega arcaica, como neste exemplo do *Hino Homérico a Dioniso* (1-7):

Alguns dizem que nasceste em Drácano, outros em Ícaro ventosa, / Outros em Naxos, ó rebento de Zeus, deus taurino, / Outros no rio Alfeu de profundos redemoinhos, / Onde Sêmele te concebeu e pariu a Zeus que se deleita em raios, / Outros ainda, senhor, dizem que foi em Tebas que nasceste, / Mas mentem. O pai dos deuses e dos homens é quem te deu à luz, / Longe dos homens, para te esconder de Hera de alvos braços.

O problema, talvez, resida no grau de confiabilidade dos dados que podem ser recuperados do tipo de histórias preservadas em Heródoto. Tucídides foi o primeiro a rejeitar o passado como matéria própria do mito, e outros autores antigos viam o método de Heródoto com reticências (só à época das expedições europeias do séc. 15 é que a abordagem do autor foi resgatada como tentativa respeitável de lidar com o aspecto maravilhoso do novo mundo que se abria). Segundo estudos modernos da história oral, a transmissão oral de informação confiável restringe-se a, no máximo, três gerações. Ou seja, muito do que se encontra nas primeiras partes das *Histórias* não deve ser considerado como histórico. Além disso, histórias preservadas oralmente são, por sua própria natureza, tendenciosas, seja por conhecimento limitado, seja por interesse pessoal. Isso era algo de que Heródoto tinha pleno conhecimento. De toda maneira, resta o fato de que muitas das informações fornecidas pelo autor são corroboradas pela arqueologia e pela epigrafia, isto é, podem ser consideradas como fato sólido.

4. Proêmio

‘Esta é a exposição (*apódeksis* ἀπόδειξις) das investigações (*historiē* ἱστορίη) de Heródoto de Halicarnasso, para que os feitos dos homens se não desvançam com o tempo, nem fiquem sem renome (*akleēs* ἀκλεής) as grandes e maravilhosas empresas (*érge* ἔργα), realizadas (*apodekthénta* ἀποδεχθέντα) quer pelos Helenos quer pelos Bárbaros; e sobretudo a razão (*aitiē*) por que entraram em guerra uns com os outros.’

O que Heródoto entende por “história” (*historiē* ἱστορίη)? A estrutura do proêmio talvez nos dê alguma dica:

1. Esta é a exposição (*apódeksis*) das investigações (*historiē*) de Heródoto de Halicarnasso,
2. para que (a) nem (i) os feitos
(ii) dos homens
(iii) se desvançam com o tempo
(b) nem (i) as grandes e maravilhosas empresas (*érge*),
(ii) realizadas (*apodekthénta*) quer pelos Helenos quer pelos Bárbaros
(iii) fiquem sem renome (*akleēs*)
3. e sobretudo a razão (*aitiē*) por que entraram em guerra uns com os outros.

Oração (3) retoma (1): “razão” (*aitíē*) recupera “investigações” (*historíē*), como em um proêmio épico. No proêmio da *Ilíada*, por exemplo, os versos 5-6 (“desde o momento em que primeiro se desentenderam / o Atrida, soberano dos homens, e o divino Aquiles”) retoma o primeiro verso (“Canta, ó deusa, a cólera de Aquiles”). Outra reminiscência homérica é “empresas” (*érge*) e “renome” (*kléos*). Oração (2), com seu forte paralelismo, transita do universal ao particular, e o conjunto do proêmio ecoa o modelo épico. E mais, a exposição (*apódeksis*) das investigações tem como contraponto as empresas realizadas (*apodekthénta*) por gregos e bárbaros: sem a *exposição* do autor, os feitos *realizados* pelas figuras históricas cairiam no esquecimento (cabe ao autor, portanto, uma parcela da glória dos fatos).

5. Estrutura *Histórias* 1.1-92

- (a) Proêmio
- (b) Introdução: raptos de Io, Europa, Medeia e Helena (1-5)
- (c) História de Creso (6-94)
 - (i) Pano de fundo: linhagem de Creso (6-29)
 - (ii) Reino de Creso (29-92)
 - (α) Sólon e Creso (29-33)
 - (β) Morte de Átis, filho de Creso (34-45)
 - (γ) Preparativos para a campanha de Creso contra a Pérsia (46-74)
 - Excurso sobre Atenas e Esparta (56-68)
 - (δ) Campanha e derrota de Creso (75-86)
 - (ε) Consequências (86-92)
 - ~~(iii) Pano de fundo: etnografia da Lídia (93-94)~~
- (d) ~~História de Ciro (95-216)~~

6. Leitura!